

Documentação
 8/2/98 Pg. 16 A
 UC IAPI 57



Para visitar o Morro do Pai Inácio (foto maior), na Chapada Diamantina, e se emocionar com a vista do alto (na destaque), só comprando o ticket de R\$ 3 (acima). O terreno que abriga o morro foi comprado por um empresário e agora corre o risco de virar endereço de um templo da Igreja Universal

Protesto em santuário 'privatizado'

MORADORES DA CHAPADA DIAMANTINA FAZEM ATO CONTRA DONO DO MORRO DO PAI INÁCIO, QUE PASSOU A COBRAR INGRESSO E QUER ERGUER TEMPLO DA UNIVERSAL

Centenas de pessoas das cidades baianas de Lençóis, Palmeiras e Seabra programaram para hoje à tarde uma manifestação pacífica no km 231 da rodovia BR-242 (Bahia-Brasília), na frente de um dos mais impressionantes cartões-postais da Chapada Diamantina: o Morro do Pai Inácio, um chapadão de quase 300 metros de altura situado a mais de 1,2 mil metros acima do nível do mar de onde se descortinam algumas das mais belas paisagens da região e onde vivem plantas e animais raros e ameaçados, que só existem naquele local. Os manifestantes estão protestando contra a "privatização" de um santuário ecológico, pois, desde o dia 14, o acesso ao cha-

padão, comprado pelo empresário Washington Setenta em 1995, só é permitido mediante o pagamento de um ingresso de R\$ 3.

"O pior é que o empresário alargou as trilhas existentes na subida para o morro e construiu muros de pedra dos lados dessas trilhas", denuncia a arquiteta Nélia Paixão, que trabalha no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) de Lençóis. Ela conta que Setenta teria dito para todo mundo que pertence à Igreja Universal do Reino de Deus, da qual teria obtido concessão para construir um templo bem no alto do morro que se chamará Casa da Oração.

Para o alargamento das trilhas nas

pedras, foi devastada boa parte da vegetação local, que é constituída de plantas raríssimas, como algumas velósias, das quais só existem algumas centenas de exemplares nessa região e em nenhum outro lugar do mundo (veja nesta página). Na entrada da trilha, foi erguido um portal de pedra e cimento e o morro foi rebatizado com o nome de "Morro da Oração".

"O que está acontecendo é um verdadeiro crime ecológico, pois os turistas estão sendo obrigados a pagar não pela conservação do morro, que está sendo devastado, mas para a construção de um templo particular", conta Rosa Abadia Resende, dona de uma agência de turismo em

Lençóis, uma das organizadoras da manifestação, que conta com o apoio do biólogo norte-americano naturalizado brasileiro Roy Funch, um dos fundadores do Parque Nacional da Chapada Diamantina, que vive na cidade de Lençóis. Rosa diz que a briga dos ambientalistas com o empresário evangélico vem desde 1995, quando ele comprou o morro por apenas R\$ 20 mil de seu antigo dono, Antônio Batista Evangelista, o Toninho do Pai Inácio.

Para Rosa, não é a primeira vez que pessoas se aproveitam de Toninho, que herdou terras na região. "Soube que, há cerca de dois anos, ele vendeu por R\$ 50 o fóssil de uma cabeça de dinossauro encontrada

em suas terras. Depois, esse fóssil teria sido revendido para uma instituição científica de Nova York por mais de US\$ 50 mil."

Também não é a primeira vez que o novo dono do Morro do Pai Inácio entra em conflito com ambientalistas da região. Em 95, ele pretendia construir um teleférico no morro, mas teve o projeto embargado por um abaixo-assinado com mais de mil nomes de gente do local e de vários países do mundo que pedia ao Iphan o tombamento do morro, situado fora dos limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina, mas dentro de uma área de proteção ambiental, a APA Marimbus-Iraquara. O processo de tombamento - proto-

colado sob o número 1356-T-95 - ainda está em andamento, mas agora os ambientalistas querem que o morro seja desapropriado pelo governo da Bahia, tendo como base o valor pago pelo empresário Washington Setenta, que reside em Itabuna, no sul da Bahia, e também tem propriedades no vilarejo de Tanquinho, ao norte de Lençóis. O próprio Setenta e dois empregados postam-se quase todos os dias na entrada da trilha que leva ao alto do morro para cobrar ingressos. A reportagem do JT tentou sem sucesso entrar em contato com o empresário, que agora está morando em Tanquinho e vai todos os dias ao Morro do Pai Inácio.

Marcos Gomes

FAUNA E FLORA

Região abriga espécies raras e em extinção

Um pedaço de terra que fazia parte da África, da qual acabou se separando por causa da deriva continental e que ainda hoje abriga raríssimas formas de vida. Esse é o resumo do que a ciência sabe sobre o Morro do Pai Inácio.

Estudos geológicos citados pelo ambientalista Roy Funch em seu livro *Um Guia para o Visitante da Chapada Diamantina* não conta de que esse chapadão fazia parte da Pangéia, o único continente emerso há 1,5 bilhão de anos (quase um terço da idade do planeta Terra, estimada em cerca de 5 bilhões de anos), que teria se "rachado" para dar origem aos continentes atuais. No começo, não havia morro na região, mas uma planície deserta periodicamente invadida por mares rasos e preenchida com areia trazida pelos rios, pela chuva e pelo vento.

Com o tempo, o peso das camadas superiores solidificou essa areia, transformando-a num tipo de pedra chamado arenito. Essas camadas de pedra acabaram se erguendo por pressões da crosta terrestre e racharam, dando origem ao Morro do Pai Inácio e seus vizinhos, o Morro do Camelo e o Chapadinho, que se elevam em terrenos que estão a mais de mil metros acima do nível do mar.

Além de serem alguns dos mais belos cartões-postais da Chapada Diamantina, o Morro do Pai Inácio e os vales arenosos formados por seus sedimentos abrigam raríssimas formas de vida.

Banhada pelo sereno da noite, a paisagem plana e pedregosa do alto desse chapadão forma um ecossistema que permanece isolado há muitos milhões de anos e abriga plantas e animais que só existem naquele local (endêmicas).

É o caso das variedades de velósias (canelas-de-ema) ali encontradas, que não passam de dois palmos de altura e possuem caules grossos e porosos adaptados para absorver água do sereno. Produzem belas flores roxas em forma de sino, antepassadas dos lírios atuais.

Descendentes das magnólias, essas plantas podem datar de pouco menos de 100 milhões de anos, pois algumas variedades dessas espécies ocorrem também em regiões montanhosas da África. Isso seria um indício de que, no passado, a América do Sul e a África já estiveram unidas num único supercontinente.

A rara paisagem do alto do Morro do Pai Inácio inclui, além das velósias, outras belas e variadas espécies de plantas que vivem em pedras, como orquí-



Canela-de-ema: espécie endêmica

deas, cactos, lírios, bromélias, musgos e líquens.

Também visitam ou ocorrem nessa paisagem raríssimos pássaros, como o beija-flor-de-gravata-vermelha, que se alimentam dos néctar ou dos frutos dessas plantas ao amanhecer. À noite, os passarinhos cedem lugar a estranhos répteis e roedores. Mais de 600 formas de vida foram identificadas no local pela equipe do Royal Botanical Garden, da Inglaterra.

(M.G.)